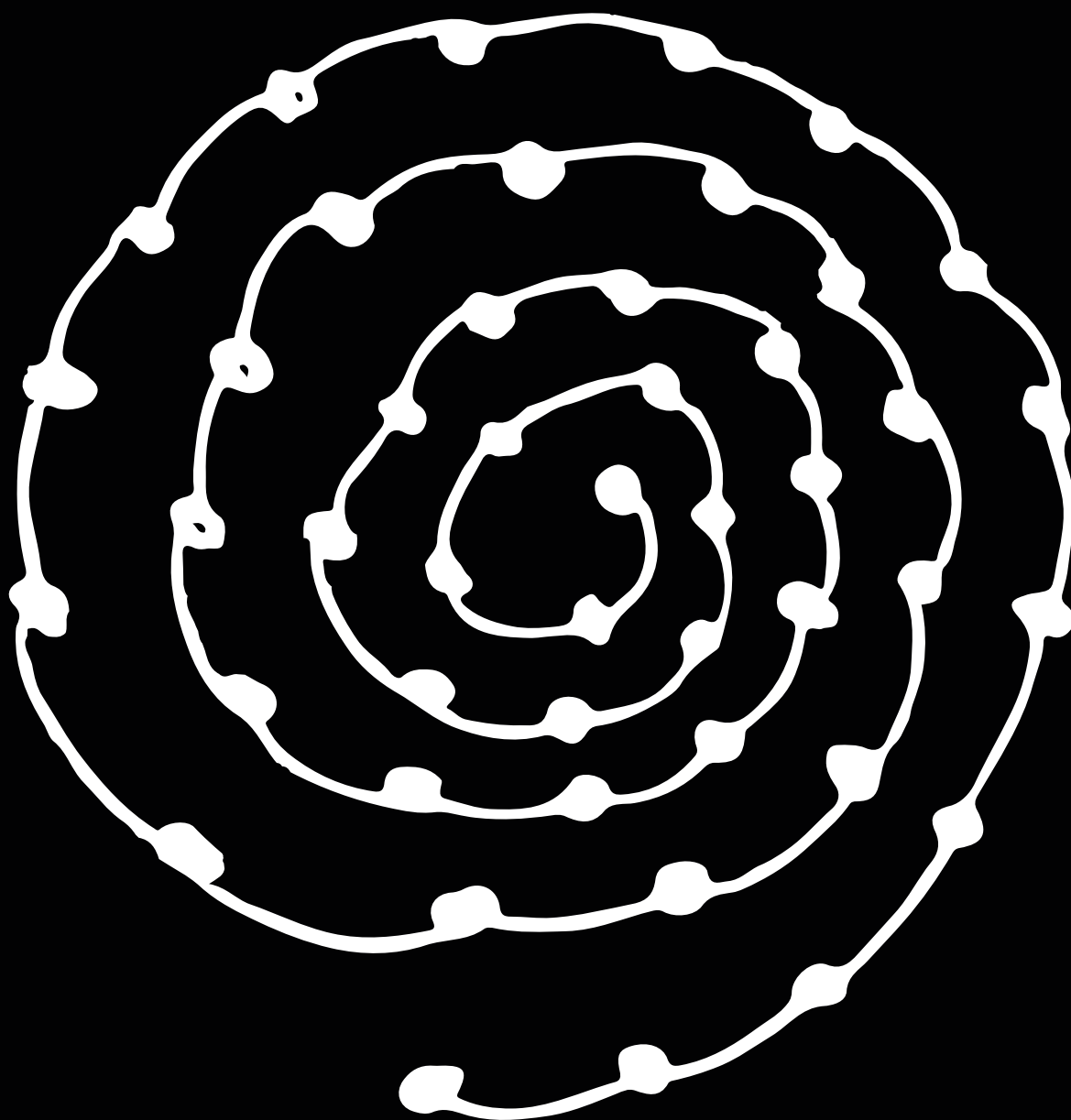




UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

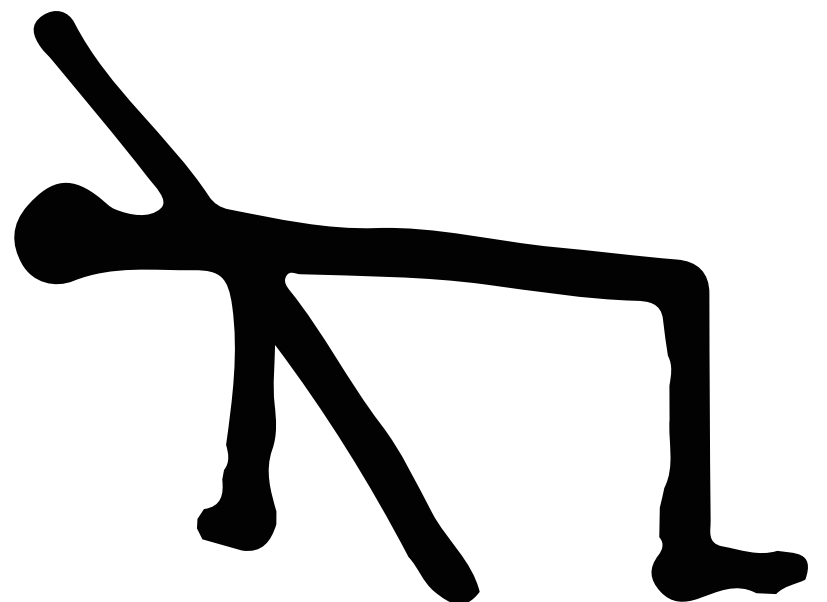
VINICIUS FLORIDO BOGAS

t.c.c.
texto
corpo
e colação

Novembro
2020
São Paulo

t.		c.		c.
Talhar	o	Caminho	não	Conhecido
Tempo		Coletivo		Conjunto
Tentar		Compreender	o	Caminho
Testemunho		Comunhão		Confluência
Topografia	do	Corpo		Caminhante
Trabalho	que	Carrego	em	Comunidade
Traçar	o	Confiar	nas	Crianças
Tralha		Colagem		Composição
Trajetória		Compartilhada	em	Construção
Trilha		Contínua	e	Constante

tempo que continua não conhecido
tralha compartilhada em confluência
trajetória colagem construção
trajetória colagem constante
topografia confiança construção
trabalho corpo comunidade
tentar o coletivo constante
tempo compartilhado nos caminho
testemunho do corpo em conjunto
traçar o caminho das crianças



CONSTELAÇÕES

Agradeço ao departamento de artes cênicas, a todos os professores, funcionários e técnicos que me ensinaram muito.

Agradeço a minha família, meus amigos e parceiros:

A minha mãe, meu pai, irmã, avós, avôs, tias, tios, primas e primos,

a Luana Lorena pelas fotos no calçadão, na FAU-USP e pela parceria,

a Matheus Souza pelas fotos no CCSP,

a Martim Gueller pela ideias, ajudas e filmagens,

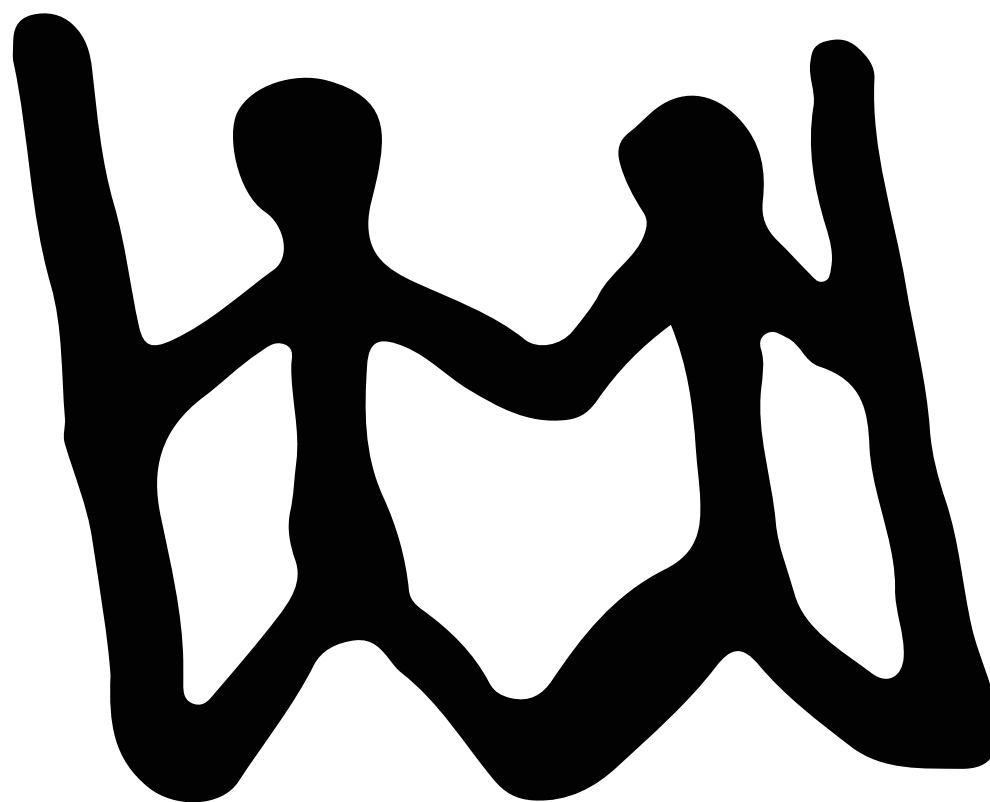
a Bruna Mayer pela confusão na diagramação, disposição e paciência,

a turma de formandes em atuação do ano de 2020 pela escuta e diálogo,

e a todos os meus orientadores: Alice K, Andréia Nhur, Anna Talebi, Camila Mora, Christian Alexander Martins, Douglas Vendramini, Eduardo Coutinho, Eduardo Gutierrez, Felisberto Costa, Felipe Carvalho, Fernanda Machado, Gisela Doria, Lucas Barmak Szemere, Maria Thais Lima, Marina Meyer, Monica Zocher, Nara Zocher, Patricia Bergantin, Paula Halker e aos passantes da rua,

e a rua por seu acaso e movimento.

Muito obrigado a todos vocês por compartilharem suas historias comigo.

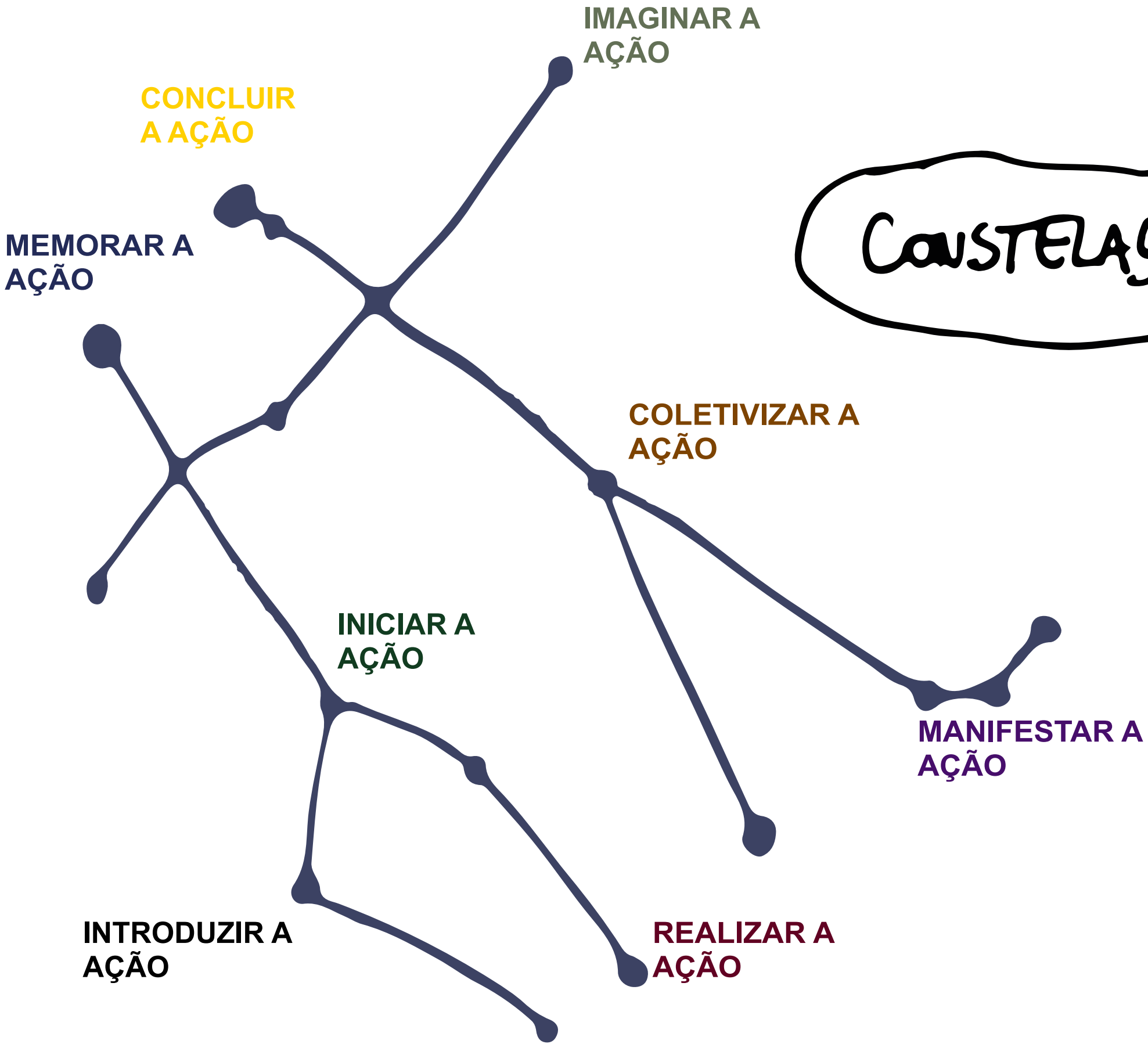


Gêmeos: Afonso, eu e os bambus

Ao Afonso,

que dança comigo toda história e todos caminhos do mundo.

Constelações



INTRODUZIR A AÇÃO

8

Pois bem, essa vai ser uma tentativa.

Uma tentativa de performance escrita.

Este t.c.c. tem como mote uma re-invenção e uma experimentação do que poderia ser a escrita acadêmica.

Como compartilhar um processo individual e ao mesmo tempo coletivo?

Como coletivizar essa experiência?

Como fazer com que a escrita seja a própria experiência, a prática e a teoria?

Não performance enquanto execução da escrita, como um atleta que tem seu desempenho avaliado, mas a performance enquanto uma experiência compartilhada, deste que escreve, e vivida para aquele que lê.

É uma tentativa de diálogo e de experimentar teoria em prática.

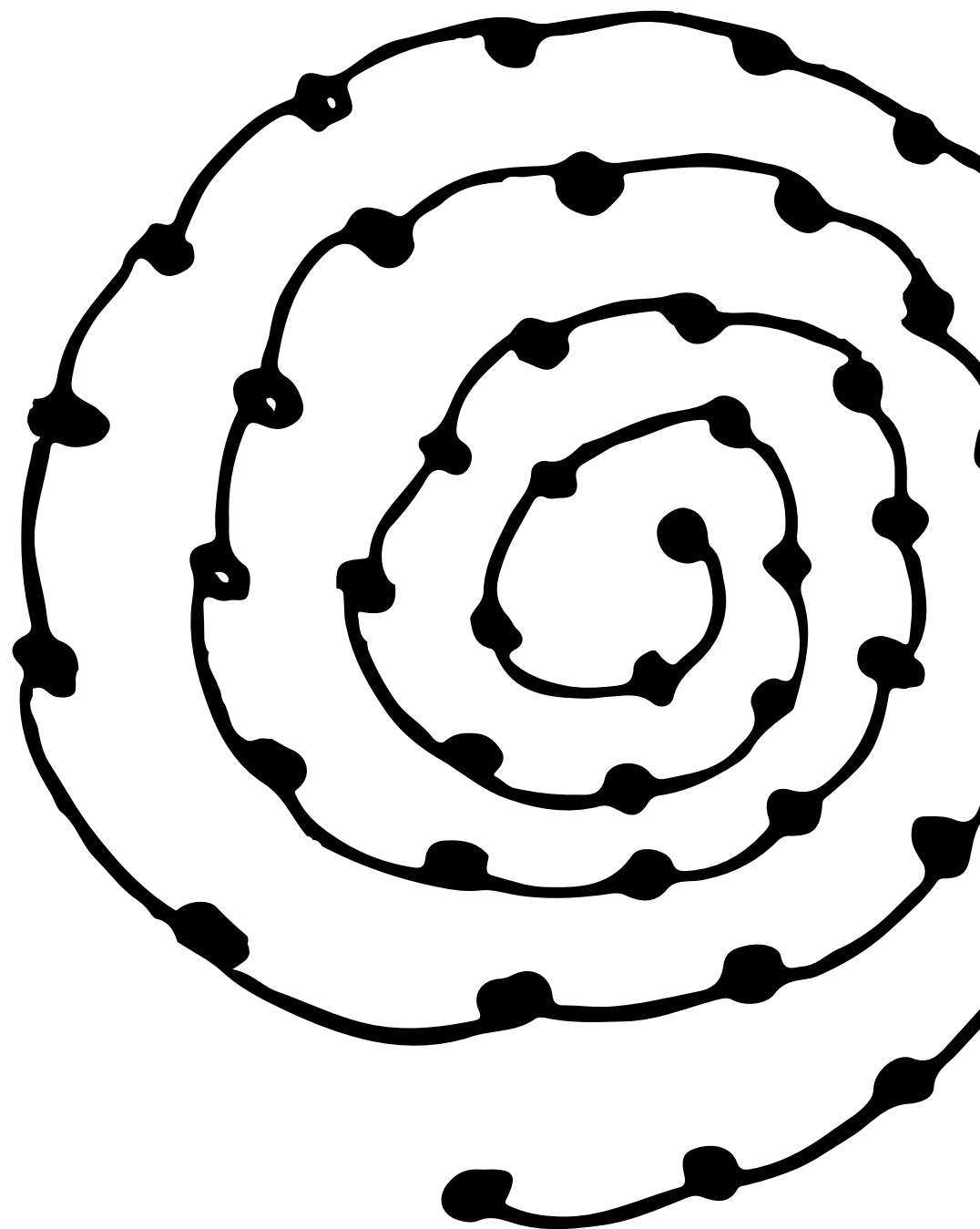
Por isso, colarei aqui sensações, narrativas, sonhos, memórias, imagens, pensamentos e vídeos. Me aliarei a algumas teorias que me atravessaram nesse caminhar até aqui como informações para essa troca.

Irei, também, falar em muitas pessoas: eu, nós, tu, eles, Artaud, Eleonora, Deleuze, Krenak, Afonso, Guattari, Helena, e passantes anônimos. Múltiplas vozes para serem ouvi(LI)das.

Uma leitura em movimento que desloca e agencia seu leitor.

Sem começo, meio ou fim.

Essa escrita como uma caminhada que se inicia em mim, age por ela e finaliza o movimento na troca com você leitor. E criaremos juntos um novo meio para novos começos e fins, como uma espiral, como uma cobra que morde sua própria cauda.



Bom, é preciso primeiro localizar esse sujeito que vos escreve para começar essa conversa. Portanto começarei falando de mim.

... e re-começar

Em uma segunda de manhã, estava sentado na cozinha da casa de meus pais, no interior do estado de São Paulo. Lá em São Carlos fazia 30°C e passamos naquele final de semana por uma frente fria com possibilidade de nevar. Mas passou rápido na minha cidade natal e o calor e a secura do cerrado voltaram a prevalecer.

Peguei alguns cadernos antigos e dei uma vasculhada para estimular a experimentação desta narrativa. Encontrei neles frases, desenhos, papéis soltos e conteúdos que utilizarei nesta escrita aqui.

Nesta conversa falarei sobre um papel que não esperava encontrar dentro de meu caderno: a certidão de casamento de meus pais.

Como diz na certidão:

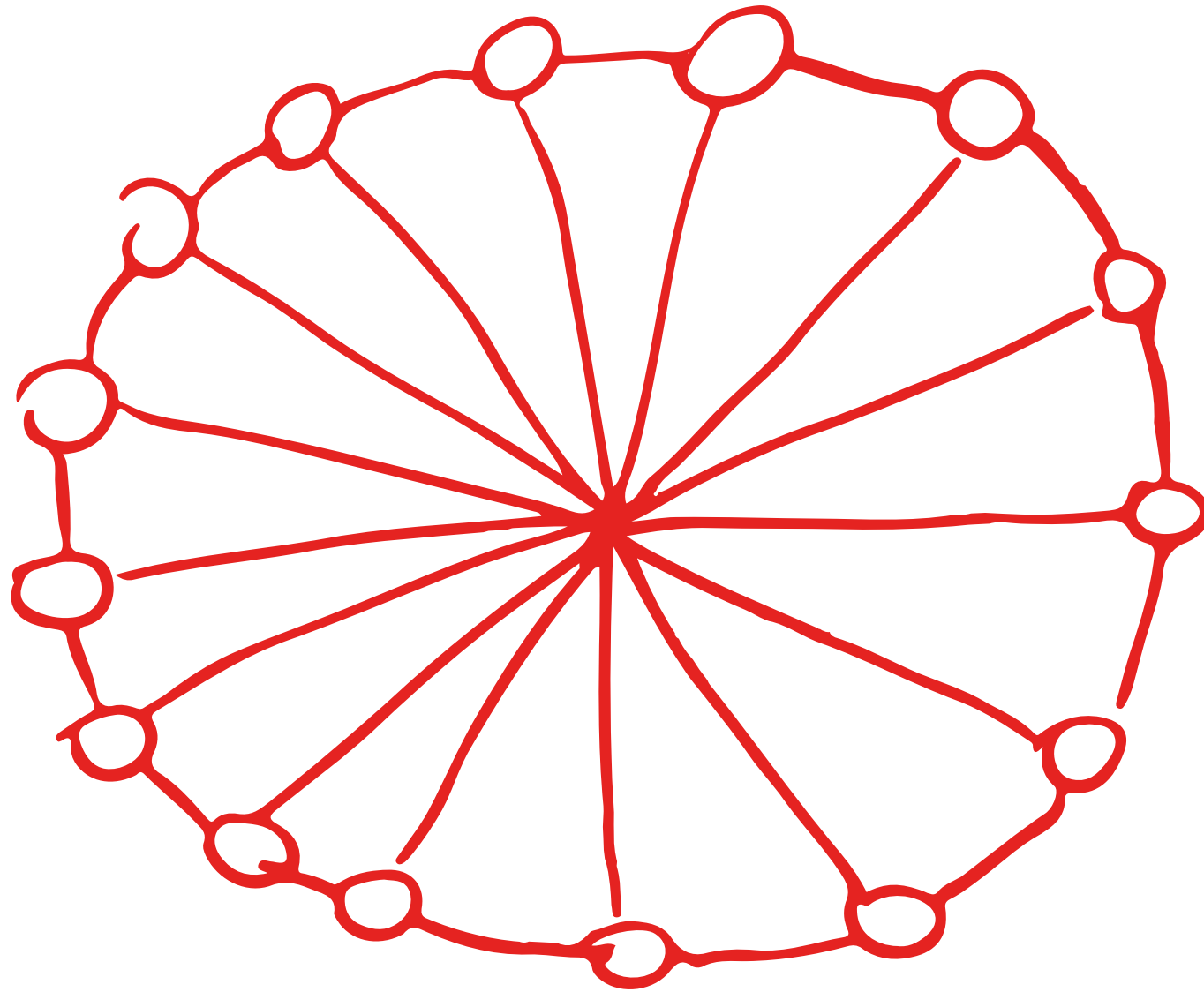
“Sob regime da comunhão parcial de bens, certifico o matrimônio de GLAUSTON ROGÉRIO MICOCHERO BOGAS com ELISANGELA MARIA FLORIDO, contraído no dia um de junho de mil novecentos e noventa e seis (01/06/1996). Ele, solteiro, auxiliar de almoxarifado, natural de São Carlos, nascido no dia vinte e oito de março de mil novecentos e setenta e cinco (28/03/1975), filho de Armando Bogas e de Edi Micochero Bogas. Ela, solteira, auxiliar de vendas, natural de São Carlos, nascida no dia vinte e quatro de setembro de mil novecentos e setenta e quatro (24/09/1974), filha de José Aparecido Florido e de Luzia Aparecida Rio Florido.”

Lá ainda diz que minha mãe passou a assinar o nome como “Elisangela Maria Florido Bogas”, incluindo o sobrenome do marido, meu pai, assim como minhas avós. E assim, acompanhando essa cerimônia, dentro da barriga de minha mãe, nasço depois de seis meses e três dias. “Eu, VINICIUS FLORIDO BOGAS, desempregado, natural de São Carlos, nascido no dia quatro de dezembro de mil novecentos e noventa e seis (04/12/1996), filho de Glauston Rogério Micochero Bogas e de Elisangela Maria Florido Bogas.” E após sete anos, quatro meses e onze dias, nasce minha irmã. “Essa, GABRIELLE FLORIDO BOGAS, estudante, natural de São Carlos, nascida no dia quinze de abril de dois mil e quatro (15/04/2004), filha dos mesmos.” Assim se fecha essa pequena árvore genealógica de dois arianos, uma libriana e um sagitariano.

Um começo de uma introdução, introduzir a ação.

UM CICLO EM DEVIR

Antes de Ontem, de Caio Franco: <https://www.youtube.com/watch?v=xuNN5RROPSk>



**Entre a história e a memória, eu
quero ficar com a memória.**

- Ailton Krenak

INICIAR A AÇÃO

11

Talvez eu deva começar do zero.

Começar contando onde tudo começou.

Muitas inquietações até aqui.

Atravessamentos.

Desvios.

Confluências.

Começar falando que esse processo se iniciou na vontade de duas pessoas, eu e Afonso, de estudar movimentos.

Criamos um grupo de estudos sobre movimentação que compartilhávamos processos individuais que cada um vivia como uma forma de compartilhar as sabedorias ao outro.

Nos juntamos para abrir os caminhos do saber.

Dança de chão. Alinhamentos dos ossos. Saltos. Bacia. Órgãos. Slackline. Acrobacias. Fluxo.

CORPO EM MOVIMENTO.

Demoramos a entender o que queríamos pesquisar além dos movimentos que já praticávamos.

Fluxo, composição, imagem, tempo. Eram experimentados por nós.

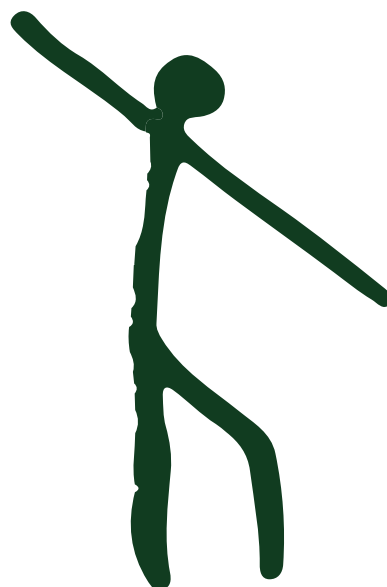
Mas qual era nosso material poético?

Que tal, como contar a história do mundo?

Como dançar a história do mundo?

“Ideias para adiar o fim do mundo.”, de Ailton Krenak, nos apareceu como uma possibilidade, nesse pequeno livro e de densos pensamentos, porque viamos nele o que Walter Benjamin chama de narrador, aquele que narra a partir de suas experiências.

Ailton Krenak, o autor, nos perguntava quais eram nossos paraquedas coloridos. Quais eram nossas ações para adiar o fim desse mundo



que está enunciado. Como descolizar? Como anti-capitalizar? Como desacelerar? Como reflorestar? Como reconstruir? Como co-partilhar? Como podemos nos manter vivos nesse planeta na era do Antropoceno?

Nos propomos a responder essas perguntas artisticamente.

Ensaivamos em frente ao Departamento de Artes Cênicas.

Práticas. Leituras. Equilíbrios. Vídeos. Massagens. E uma travessia de corpus que atravessavam aquele ambiente.

Às vezes usávamos a sala do departamento.

Improvisações. Paradas de Mão. Sonorizações. Escritas. Respirações.

Um dia ensaiamos na Oficina Cultural Oswald de Andrade. Afonso levou uma proposta de nos beijarmos por 40 minutos e poderíamos construir uma imagem usando sacolas em nossos rostos, em referência à pintura "Os amantes" de Rene Magritte.

Dois corpus se beijando durante 40 minutos de olhos fechados.

Nos distanciamos.

Caminhamos devagar.

Nos encontramos.

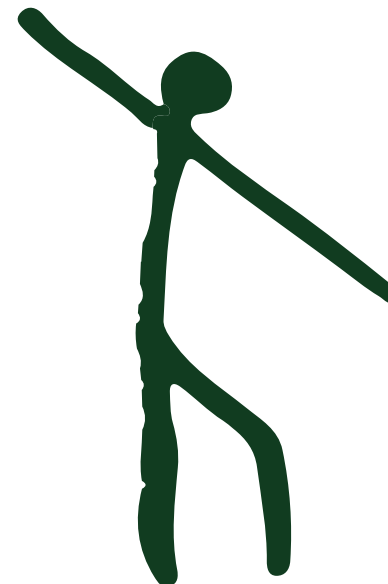
Beijamos.

Chuva. Língua. Saliva. Passantes. Sons. Vozes. Toques. Sacolas. Plástico na boca. Quase sufocamento. Dez minutos de beijo com as sacolas. Alívio imenso. Sentir a pele sem nenhuma barreira. Um novo primeiro beijo.

Não tivemos devolutivas dos que vivenciaram, apenas nossa percepções.

Num outro dia estávamos na USP, fazendo uma prática corporal com bambus. Então, Afonso propôs uma deriva. Caminhar durante 10 minutos em silêncio com os bambus em mãos e quando o alarme apitar, voltar o trajeto de costas e equilibrando os bambus nos corpus.

Andamos 10 minutos pela praça do relógio e atravessamos uma rua. Apita o alarme. Voltar de costas com o bambus no corpus. Equilibrar. Caminhar. Atravessar uma faixa de pedestre numa rua movimentada. Ouvir um xingamento. Seguimos. Escadas, descidas, subidas, árvores. jardins e chuva.



Silêncio.

Em silêncio.

Chuva, vento, frio, pessoas correndo, sombrinhas, folhas voando.
corpus molhados.

Agilizar o passo. Como, equilibrando bambus em nossos corpus?
Calma, respiração, concentração.

Chegamos.

E mais uma ação que não tivemos devolutivas além de nossas
próprias percepções.

Mas esse registro individual das percepções bastava? Como registrar
aquele evento de outras formas?

Estudamos naquele período os programas performativos propostos
por Eleonora Fabião e ficamos afim de refazer nossas ações em
espaços públicos e registrá-las em fotos e vídeos. Uma forma de
registrar elas por outras linguagens e percepções.

Então nos propomos a realizar 3 ações em espaços públicos da cidade
de São Paulo para experimentar outras tonalidades e intensidades
nos corpus. Foram elas:

Travessia com Bambus: Atravessar o calçadão da Barão de
Itapetininga, centro de São Paulo, em silêncio, equilibrando bambus
em nossos corpus e pensando como estar juntos?

O Beijo: Atravessar o Centro Cultural São Paulo nos beijando e
formando imagens com sacolas em nossos rostos.

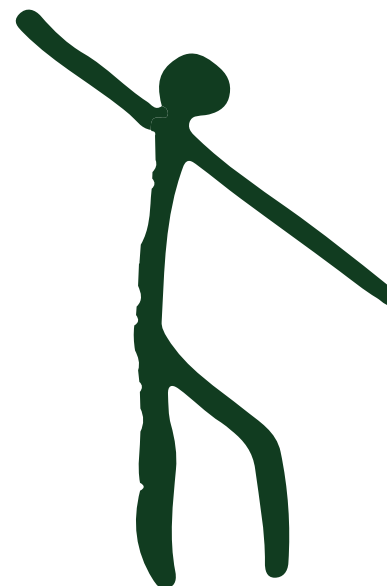
Crepação: convidar performs. Em silêncio, nos encrepar com fitas na
praça da Sé, no centro de São Paulo. (NÃO ACONTECEU DEVIDO
AO DISTANCIAMENTO SOCIAL E CORONAVÍRUS)

Nos colocamos a experimentar como aquelas ações poderiam
contar ou dançar a história do mundo e descobrir se elas poderiam
ser paraquedas coloridos.

Já que não falarei da crepação, compartilharei aqui outra travessia
que realizamos nesse período.

Nos propusemos a caminhar da casa de Afonso, em Taipas, até o
Pico do Jaraguá.

Uma caminhada longa.



Tomamos um café da manhã reforçado. Arrumamos as mochilas. Enchemos as garrafas de água. Pegamos algumas comidas. Passamos protetores.

Saímos.

Sete horas da manhã.

Caminhamos pelo bairro. Afonso contava sobre sua histórias que habitavam aquele espaço e outras que viveu ali.

Um antigo açougue, antiga casa, cada de sua avó, brincadeiras.

Casas, pessoas saindo de suas casas para trabalhar, vielas, ruas largas, shopping, lojas.

Paramos para ver fantasias de carnaval que estava se aproximando, mas não levamos nada.

Seguimos.

Calor das dez da manhã, sol estalando, bebemos água.

Silêncio.

Procuramos sombras.

Caminhamos.

Nos perdemos, usamos o gps, chegamos numa estação do trem.

Seguimos.

Faltava metade do caminho.

Ruas menores, rotatórias, movimento.

Vimos numa placa: “Parque Estadual do Jaraguá”.

Seguimos.

Comércio, conversas, descidas, casas amontoadas, casas com portas direto para a rua.

Uma rodovia. Rodovia dos bandeirantes.

Atravessamos a ponte e vimos a cidade de São Paulo longe.

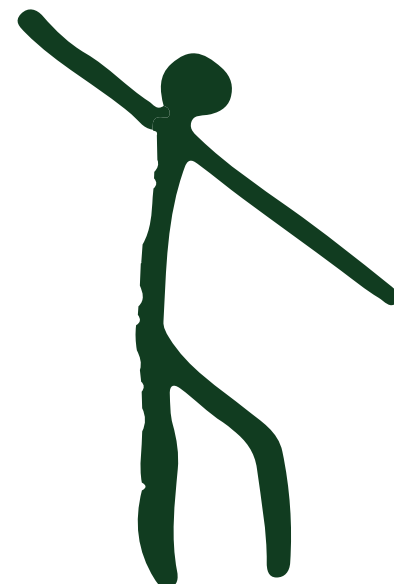
Faltava pouco.

As árvores começavam a aparecer. Realmente estávamos próximos.

Mais uma descida, uma rua sinuosa e sem calçada.

Chegamos.

Parque Estadual do Jaraguá.



Carros, turistas, caminhantes, lagos, pássaros, calor e água.

Subimos a maior trilha para chegar no pico.

Mais uma hora e meia de caminhada.

Sombra, sol, árvores, animais, rios, troncos caídos, calor.

Bebemos água.

Conforme subíamos a vegetação mudava. A mata fechada ia embora e o sol começava predominar em nossas cabeças. Uma mistura de mata atlântica e cerrado. Vegetação de morro.

Chegamos. Sentamos. Respiramos. Mais água. Comemos bananas enquanto éramos observados por uma família de micos que as desejavam.

Mais uma escada imensa e chegaríamos no pico. Subimos. Um passo de cada vez.

Vimos São Paulo tão pequena. Estávamos tão alto que parecíamos aves sobrevoando a imensa, agora pequena, cidade de São Paulo.

No meio prédios, ao lado as casas. Onde será que fica nossas casas? De onde viemos? Ali é antena da Paulista? Osasco? Zona leste?

Redescobrimos São Paulo.

Enchemos as águas e descemos a trilha de volta ao parque. Mais uma hora e meia de descida entre calor do meio do dia e árvores.

Chegamos. Aliviamos as bexigas.

Voltamos até a estação. Exaustos, dores nas pernas, quentes, vermelhos, secos, com fome, sono. Pegamos um ônibus até a casa de Afonso. Cochilei. Afonso seguiu forte.

Chegamos.

Fizemos um almoço com muita conversa e percepções.

Uma travessia de 7 horas.



“A vida, sem nome, sem memória, estava sozinha. Tinha mãos,
mas não tinha em quem tocar. Tinha boca, mas não tinha com
quem falar. A vida era uma, e sendo uma era nenhuma.
Então o desejo disparou sua flecha. E a flecha do desejo partiu
a vida pela metade, e a vida tornou-se duas.
As duas metades se encontraram e riram. Ao se ver, riam; e ao
se tocar, também.”

(GALEANO, Eduardo, **Espelhos**, p. 1)

PAULETE
TE AMO



tempo o corpo o caminhante

tentar contínua construção

topografia compartilhada do caminhante

trabalho que continua em confluência

trajetória colagem constante

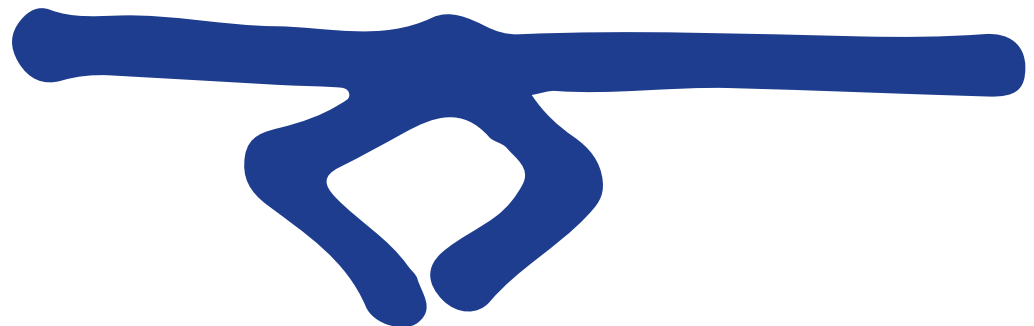
talhar comunhão em conjunto

traçar confiança no conhecido

tentar corpo criança

tempo corpo caminhante

topografia do corpo constante



MEMORAR A AÇÃO

18

Tento resgatar memórias, fotos, vídeos e textos, para não serem esquecidos na lembrança e na tecnologia acelerada. Parece que são tantas as imagens hoje que elas se esgotam em segundos na web.



Como manter uma memória?

OU

**Como criar uma experiência que se manterá
viva na memória daquele que participa?**

OU

Como minhas memórias permanecem?

OU

Como lembro das coisas?

Cheguei até a ideia de cognição e entendi que a partir de nossas ações em experiência, registramos no corpo memórias, histórias, conhecimentos, saberes, ritmos, imagens e sensações.

Cognição seria, por exemplo, um bebê quando começa a querer andar sozinho. Toda experimentação feita por ele, de ficar em pé até caminhar, ficará registrada em seu corpo.

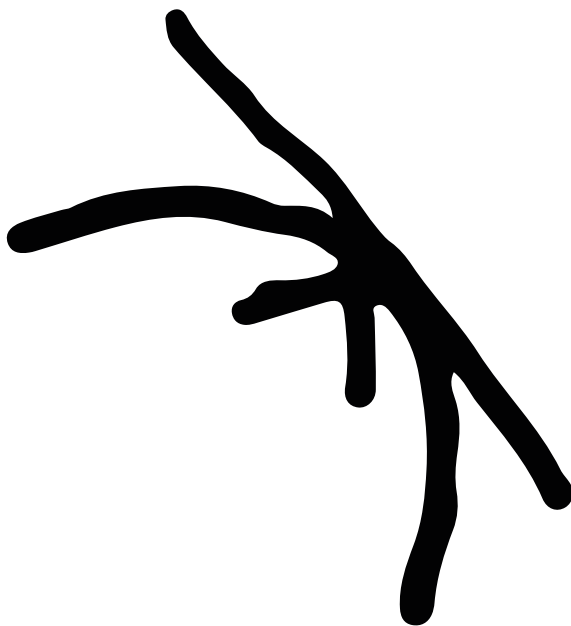
Outro exemplo mais atual que poderia compartilhar é o que Helena Katz diz em seu texto “Corpo app” (KATZ e GREINER, 2015) que devido ao fato de estarmos em contato com os celulares, com a internet, nossos corpos ao lidarem com isso começam a agir e pensar a partir da relação com o meio em que estão inseridos. Ela nos dá o exemplo dos aplicativos, que são softwares e que são especializados em resolver problemas, por exemplo: preciso tirar um bug do meu computador, vou lá e crio um software que resolverá esse problema.

Fico pensando no hoje como alguns aplicativos atingem minha cognição: Ifood, Uber, Excel, Word, Rappi, entre outros.

Não saio mais de casa, não compro no mercado, não escrevo mais à caneta, não pego em livros, não lembro de beber água, não mando cartas.

Hoje há softwares para resolver e terceirizar todas as nossas questões e me pergunto se nossa cognição já não foi afetada. Ainda mais nesse período de distanciamento social.

Vejo uma diferença entre pedir uma refeição e fazê-la, entre ir ao mercado e pedir ao motoboy, entre comprar e construir móveis, entre digitar aqui e escrever numa folha. Talvez eu esteja muito apegado ao passado, mas o que estamos esquecendo? O que queremos levar para o futuro? Foi a partir desse pensamento que comecei a pensar em experiências.



**Como criar e
compartilhar
experiências
possíveis de
memórias?**

**Como revirar a cognição
dos dias atuais?**

Como

estar

juntos?

como estar?

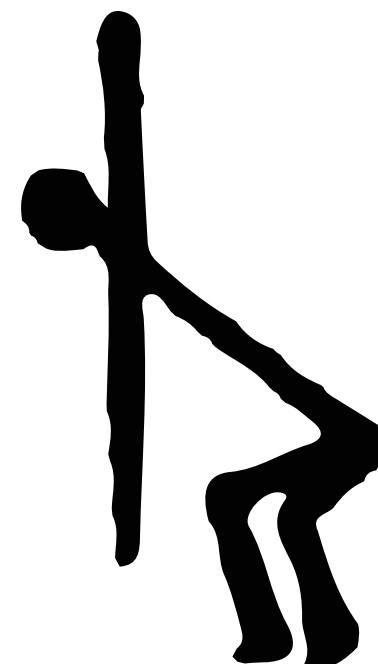
**Como
você
está?**



**Dia do retorno.
Retornar à memória.
Retornar à infância, ao
passado.**

Não tenho respostas e nem as busco. Só continuo experimentando, me afetando e narrando as tentativas. São ótimas histórias para dar risada.

28



Um dia de ver fotos antigas, olhar e reconhecer aquelas pessoas, momentos e experiências.

Assistir a uma conversa com uma antiga professora e re-conhecer que um ano de aula juntos nos separou no final, mas que ainda assim seguimos juntos mesmo em caminhos diferentes, confluímos como rios ou como diria ela hoje:

“Confluir, sem se sobrepor.”, uma frase de Nego Bispo.

Fico pensando na palavra memória que trouxe ali atrás e como ela tem caminhado comigo recentemente, principalmente com o estudo da cena. Lembro uma vez que essa mesma professora me disse: “Esteja na situação! Não o papel, mas o ator!” Perguntei: quem era o ator que devia estar em situação? Na hora achei que era o personagem do texto, mas fui entendendo que a personagem era a junção ou melhor a confluência do papel do texto do autor e do ator que a faz. Logo o ator era este que escreve. Era para eu, ator, estar em ação. Como eu, ator, lidaria com aquela situação? Como eu lidaria com aquela situação. Penso que ali me deparei com a ideia da presentificação. Como eu, ator do meu tempo, com minhas memórias, minhas experiências, minhas referências, confluiria junto do papel na situação proposta pelo autor. Entendi que a personagem não é sobre representação - ou pode até ser - mas que sua criação se tratava de dois rios que se encontram e geram um terceiro.



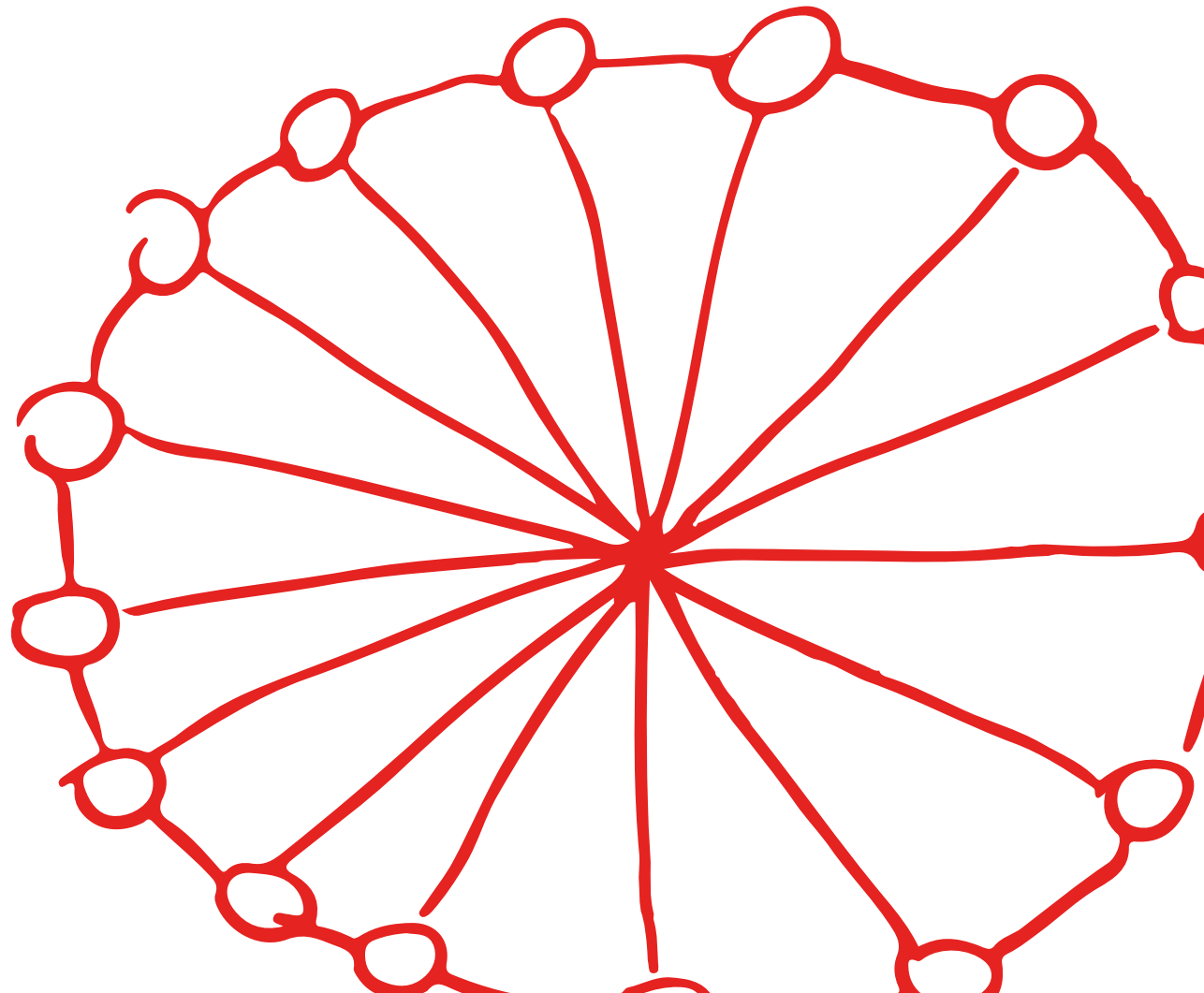
CONFLUIR!

$$1 + 1 = 3$$

um mais
um
é igual
a três

Conversando com a ideia do corpo sem órgãos, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997), a representação seria o corpo enquanto forma, em contraponto à experimentação como possibilidade de formas. Ele nos mostra que ovo é em si uma experimentação ainda do que seriam os órgãos. Toda aquela matéria fecundada irá formar órgãos, tecidos e um corpo. Irão experimentar a melhor maneira de encontrar o devir galinha. Talvez a quebra do ovo, o nascimento, seja a representação da forma experimentada, ou melhor o compartilhamento de experimentações múltiplas. “O ovo é um corpo sem órgãos”, como diz Deleuze e Guattari(1997, p.31), porque enquanto não definiram funções, segmentos, ele continuará a tentar e criar novas formas em que aquelas células possam coabitar naquele sistema corpo.

**MINHAS MEMÓRIAS
SÃO O QUE SOU.**





Representação como fim.

Experimentação como início.

Presentificação como meio.

O meio é o presente em caminhar, em devir.

Talvez pensar em agenciamento seja o meio.

O meio como movimento.

O movimento como caminhada.

Uma caminhada no centro de São Paulo, na Barão de Itapetininga. Uma caminhada lenta, quente, múltipla e viva.

São 11 horas da manhã e dois garotos caminham equilibrando bambus em seus corpos no calçadão do centro antigo de São Paulo.

Mais dois corpos para aquela multidão.

Mais dois bambus para o acaso da rua.

Mais uma ação entre tantos deslocamentos possíveis naquele espaço em que opera a multiplicidade de memórias, histórias, corpos, vozes, narrativas, sonhos e desejos.

Caminhamos por uma hora no sol do quase meio dia e atravessamos e fomos atravessados por olhares, objetos, sons, xingamentos, interesses, curiosidades, pessoas, animais, ventos, chãos e sensações. Caminhamos de forma lenta e atenta a fim de ouvir o espaço, encontrar o corpo, perceber sensações, ouvir e recontar histórias que nos atravessam de inúmeras formas.

Olhares passageiros. Me sinto mais um desconhecido dali.

“Lá no interior...”, fala um passante. Me lembro de minha família.

Toco o chão com as mãos. Me sinto um animal no meio daquela multidão.

Minha pele aquece de calor. Me sinto num deserto sem árvores para me refrescar.

REALIZAR A AÇÃO

32



TRAVESSIA COM BAMBUS / DIÁLOGOS COM PASSANTES

Um dia de sol, quase 30°C. Saímos quase 10 horas da manhã para ir ao metrô com Nara, uma carona amiga. Pegamos um trânsito na rodovia Raposo Tavares. Atrasamos. Estávamos a caminho da República para encontrar Luana Lorena e Martin, e realizar a ação.

Durante o caminho do metrô Butantã até a República muito afetamentos aconteceram. Estávamos levando os bambus nas mãos e vestindo roupas parecidas: blusa preta, calça jeans, tênis e colares.

“Será que vamos passar da catraca com esses bambus?”. Ninguém nos impediu. Duas figuras com bambus romperam os corpos cotidianos do metrô possibilitando um novo olhar para aquele espaço.

Olhares. Conversas. Desvios. Risadas

Uma mulher nos parou na estação Butantã para tirar uma foto e agradecer por aquilo que estávamos fazendo. De alguma forma esses corpos, essas figuras, levaram-na a ter uma sensação de reconhecimento.

Chegando na estação encontramos o Martin e logo em seguida, Luana. Fomos até o calçadão que liga a praça da República e o vale do Anhangabaú e lá fizemos nossa travessia equilibrando bambus pelo corpo. Chegar, parar, ver todo o trajeto a percorrer com muitas pessoas e, no final, a última rua. Deu um frio na barriga...

Sinônimos de encontro

Reunião:
compromisso,
reunião, junção,
união.

Congresso:
assembleia,
conferência,
congresso.

Colisão:
abalroação,
abalroamento,
batida, choque,
colisão, embate,
encontrão, tranco,
tombada.

Competição esportiva:
competição,
combate,
confronto, disputa,
enfrentamento.

Descoberta:
descobrimento,
descoberta,
achado,
achamento

Briga:
duelo, briga, luta,
recontro

Confluência de rios: confluência,
convergência.

Começamos mesmo assim.
Silêncio.

33

Silenciar-se.
Equilibrar os bambus no corpo.
Respirar.
Caminhar.
Começamos e já ouvimos:



“Não tomou seu remédio hoje?” - Passante dois

Continuamos caminhando, compondo com o espaço, estando, pensando e pesquisando como estar juntos.

Como estar juntos?

Essa pergunta foi o sul da nossa travessia.

Além das roupas iguais, complementares, bambus no mesmo sentido, na mesma parte do corpo e muitas formas mais. Imagens e leituras que se fazem do encontro dos corpos no espaço são infinitas. O corpo-memória irá reconhecer a partir de si.



“Eu já carreguei muita madeira assim. Eles estão só carregando só um bambu.”

- passante cento e oitenta e dois

Estar em silêncio nos fez perceber sons ao entorno: ambulantes, carros, bicicletas, vendedores com microfones, caixas de som, uma pessoa falando do seu trabalho no telefone, outra motivando seu amigo: “É isso ai cara! Tem que seguir assim.”, outro perguntando para Luana: “O que é isso?”; e ouvir baixinho um ruído dela respondendo.

Seguimos.

Olhares, risos, desvios, quase impactos, conversas, dúvidas, sol do quase meio dia e andávamos tentando equilibrar os bambus.

Ficamos sobre nossas mãos e pés no chão em quatro apoios do corpo, e bambus nas costas. Tocamos o chão, sentimos medo de haver vidro, vimos os ladrilhos daquela calçada grande e comprida, com seus relevos e contrastes.

Público.

Movimento.

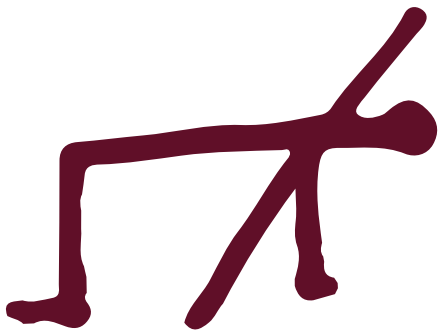
Um garoto que seguiu a gente com um skate. Pensei que ele gostaria de interagir. Me perguntei: “Como reagir ao que ele falou?” e “Talvez responder às interações das passantes seja uma forma de estar [presente] ali?”

Chegamos no vale do Anhangabaú, um rio asfaltado.

Paramos.

Conversamos entre nós quatro.

Compartilhamos memórias e narrativas que vivemos ali em quase uma hora de travessia.





Caminhamos.

Pausamos.

Derrubamos bambus.

Paramos.

Compomos.

Nos posicionamos com o espaço.

Fotos. Imagens. Esculturas. Arquiteturas. Tempos. Espaços. Zonas temporárias. Deslizes. Desvios. Trocas. Olhares. Câmeras. Vozes. Sorrisos. Gargalhadas. Rostos franzidos. Perguntas. Afirmações. Histórias. Interações.

Silêncio.

Pausas.

Sons. Sons. Sons.

Respiração.

Como estar juntos?

“Vem aqui ver isso!”

- passante cento e cinquenta





**Quais são as ideias para
adiarmos o fim do mundo?**

COLETIVIZAR A AÇÃO

38

Será que alguém um dia irá contar sobre duas pessoas passando pela Barão de Itapetininga bem devagar carregando bambus em seu corpo?

Será que alguém irá contar sobre duas pessoas se beijando com sacolas plásticas e máscaras descartáveis?

Será que irão contar?

Ou será que cabe a mim compartilhar essa experiência?

Gostaria de ouvir o que essas outras pessoas têm a dizer sobre essas duas figuras passando pelo calçadão ou pelo centro cultural.

Com o surgimento do teatro como espetáculo, o espectador passa a ser um espectador inativo, que recebe a ação daqueles que fazem. Transforma o palco em dois mundos, o mundo dos que apreciam e o dos que agem.

Re-tornar à rua, ao espaço público, é uma forma de criar uma troca dos que agem e recebem.

Pensar uma ação coletiva.

Pensar em propositores e experimentadores, ao invés de atores e espectadores.

Ambos agenciadores em ação.



**“Salve o povo da rua!
Salve o povo na rua!”**

- Eleonora Fabião
(2015, contracapa)

“SE MAOMÉ NÃO VAI ATÉ A MONTANHA, A MONTANHA VAI ATÉ MAOMÉ.”

39

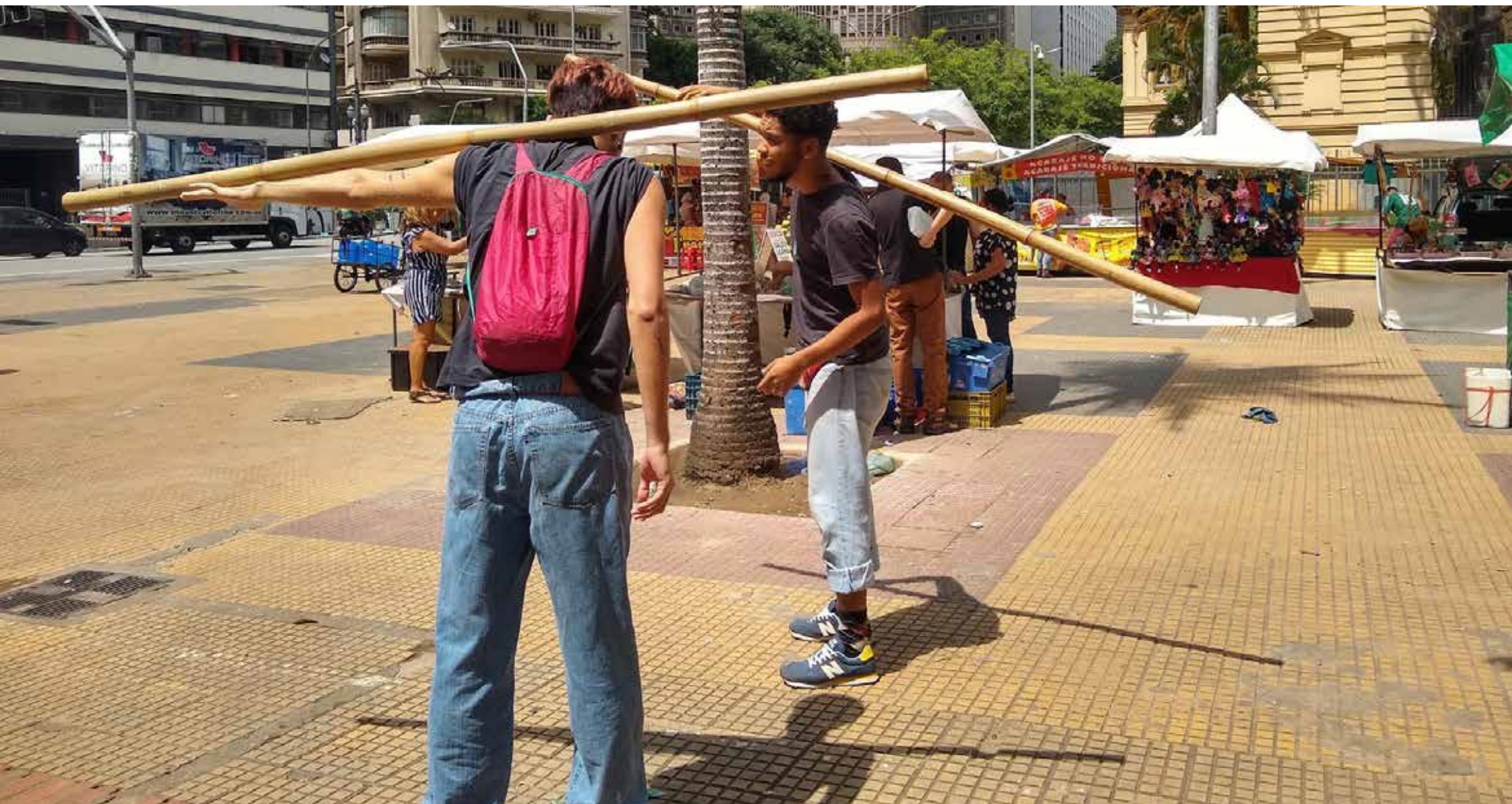
A partir desse ditado popular que me encontro com a rua. Já que o público não vai até o edifício-teatro, então vamos usar os espaços públicos como palcos: a rua, a praça, a calçada, os parques, as praias, as arquiteturas, como era na *commedia dell'arte*, nos autos, nas procissões, rituais e nas rodas.

Construir no mundo as cenas.

Além da falta de público, a falta de espaços para ensaio fez com que o processo acontecesse em espaços abertos e públicos, áreas de trânsito, terrenos de encontros, regiões múltiplas de vida.

Nos colocar em encontro, em busca, em pesquisa, em caminhos, em devir.

Desses encontros, nos deparamos com Eleonora Fabião, que compartilha seu trabalho no espaço vivo da rua. Eu e Afonso, meu parceiro de nós, realizamos algumas ações performativas em espaços públicos de São Paulo a fim de ouvir a cidade e seus cidadãos.



Experiências de Aprendizado nos “Limites” do Sistema,
de Patrícia Martins: <https://www.youtube.com/watch?v=3wfMVOem5iY>

trajetória compartilhada em construção

tentar o corpo conjunto

topografia compartilhada do caminho

trabalho a comunhão em composição

tentar confluir em coletivo

tempo de confiar na criança

traçar a comunhão em construção

trajetória contínua do caminho

topografia do coletivo caminhante

trilhar caminho coletivo



MANIFESTAR A AÇÃO

41

Já faz mais de 9 meses de isolamento social.

O Pantanal queima.

Mais de 170 mil mortos pelo novo coronavírus.

O calor reina junto da seca.

Eu sigo escrevendo t.c.c., uma ação realizada como finalização do curso na USP.

Deitado hoje na casa de minha avó materna, no chão, do lado de fora da casa, vendo os pássaros comendo a banana dada. Eu me debruço sobre minha escrita, sobre questões e como agir com elas.

Li um texto que falava sobre as artes indígenas e a diferença delas com o ocidente. Esses povos partem de outros pressupostos, outra cultura, e isso é fato. Então não podemos analisar sua arte a partir do nosso ponto de vista ocidental e colonizador, mas podemos analisar o nosso ponto de vista a partir do deles.

Nesse texto de Els Lagrou, ela cita Overing: “Na classificação piaroa, toda criação pela qual um indivíduo é responsável é considerada seu a’kwa(pensamento)...”, e cita de novo: “Como afirma os piaroa (Venezuela), todos estes itens, de pessoas a objetos, são frutos dos pensamentos (a’kwa) do seu produtor, além de terem capacidades agentivas próprias: são belos porque funcionam, não porque comunicam, mas porque agem.”

Fico com as palavras pensamento e ação.

Numa outra parte a autora diz que uma armadilha para pegar enguias pode muito mais representar o ancestral enguia que uma máscara, porque ela presentifica a ação do ancestral. Nessa parte, como no texto todo, ela está debatendo se seria: “Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas.”, como o próprio nome diz.

Pensar em arte, no artefato, na obra, na tela, na peça, como ação é dar a elas movimento, vida, caminhar e quem sabe devir. Pensar em tudo isso como ação é trazer uma pulsão de vida, como diria Amir Haddad, para aquele que está junto da obra em sociedade e tirar essa individualização do artista euro-ocidental que reflete numa ruptura entre o indivíduo e a sociedade. Não pensar na arte como uma ideia, uma inovação, um novo, uma novidade, uma atualização, mas pensar que ela age sobre o mundo à sua maneira e surte efeitos, ajudando a construir o mundo no qual vivemos. Mas talvez falar em arte seja um tema muito abstrato, já que em culturas indígenas distintas existem, para cada uma delas, diferentes percepções sobre beleza e sobre arte, considerando que são povos que pensam ativamente a comunidade na qual vivem. Imagine que numa sociedade que prega dicotomias, dualidades e ainda assim valoriza o sujeito individual homem branco cisgenero magro rico e capitalista, devem existir 7,6 milhões de belezas diferentes e apagadas no mundo. Que loucura, né?

Ainda bem que não falei dos não humanos porque aí começaria a falar de beleza e não mais arte.

Amador é aquele que se dedica às artes por amor

Território do Brincar | Sr. Paulo, Artesão de Brinquedos: <https://www.youtube.com/watch?v=1uEPFFDoCoE>

Quando me encontrei com Artaud em seu livro “Teatro e seu duplo”, esbarrei com outra possibilidade do que poderia ser o teatro e a arte. Me inquietava a necessidade discursiva, textual e racionalista em muitas peças às quais assistia e estudava. Ficava me perguntando se ia assistir uma peça para levar um discurso comigo dali ou se podia atravessá-la de outra forma. Sentia a falta do sensível, do corpo, dos afetos, das entranhas, da vertigem, da vida. Uma transformação pelo sensível e não pelo racional.

Artaud me conta sua diferença entre o teatro ocidental e oriental, nos mostrando como o teatro oriental está vinculado à vida e à partilha do sensível, enquanto o teatro ocidental está pautado no indivíduo racionalista. Além disso, o teatro ocidental é pautado na ideia, na inovação, no novo, no gênio, no diferente, no próprio indivíduo, enquanto o teatro oriental tem uma tradição, uma memória, uma ancestralidade, uma espiritualidade, uma coletividade. Claro que aqui me pauto nas ideias de Artaud e de seu tempo, e espelho ao nosso tempo para uma reflexão. E tanto aqui como no oriente, os pensamentos continuam caminhando.

**“O teatro é como o mar.
Devolve aquilo que não te pertence.”
- Prof^a Maria Thais,
fala durante uma aula**



Que cultura racionalista é essa que comprime o sujeito?
 A internet realmente difundiu mais a informação ou só criou
 mais dualidade na sociedade?
 Cobram-nos informação como se fôssemos máquinas.

“Você não leu isso.”

“Você não leu aquilo.”

“Vai, rápido!”

“Você não está atualizado.”

“Você precisa se informar.”

Fico com a ideia da atualização.

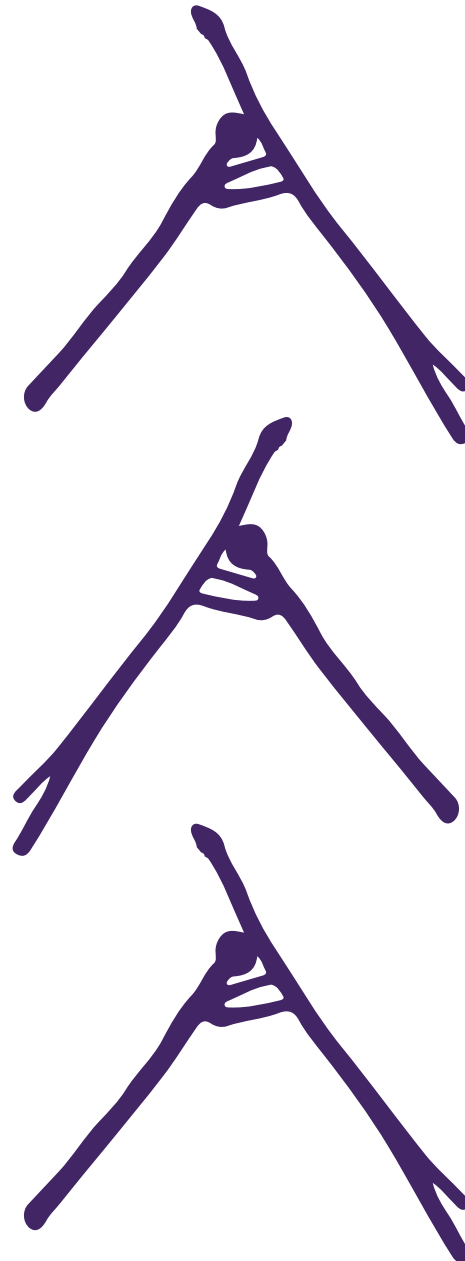
Somos uma sociedade em constantes atualizações, todos os dias acordo e abro minhas redes para me atualizar, não importa em quê, e ainda me pedem que eu responda essa atualização com a mesma velocidade.

Em quanto tempo chega a informação na rede e em quanto tempo você lê um livro?

Eu não consigo ler um livro na mesma velocidade da rede, demoro dias dependendo do número de páginas.

A internet está nos afetando também na nossa forma de viver. Hoje, então, com a pandemia, nem se fala.

Novas ações, novas ideias, novas fotos, histórias, vídeos, Tiktok's, novas pessoas. Temos que atualizar o sujeito sempre. O capital não para e está sempre se atualizando junto. Talvez hoje tenhamos que desatualizar, pensar no ontem, lembrar qual foi a atualização de ontem, lembrar do antigo sistema, do antigo software. Precisamos desatualizar para na próxima atualização carregarmos conosco o que somos, não esquecermos o que mudou nesse novo F5. Fico pensando que talvez desatualizar não seja a palavra, mas é a que me cabe por hoje.



**“Aprender com a Terra
 é de fato a ação.”
 - Eleonora Fabião**

IMAGINAR A AÇÃO

44

Ailton Krenak é o narrador que conta a partir de suas experiências, como diria Walter Benjamin. Compartilha a partir de seu corpo vivo e vivido. Nos narra como a esperança é o que nos anima o sentido de viver, de nos encontrarmos amanhã.

Narrar.

Cantar.

Dançar.

Como podemos ainda criar e inventar novos mundos?

Criar oportunidades de fruição?

Continuamos a procurar novas respostas e perguntas.

Ele narra também sobre o sonho como a casa da sabedoria, o lugar onde estão as nossas memórias. Sonhos, experiências que alimentam nosso ser e nos trazem até nós, nossa história. O sonho memória narra a nossa história.

É possível narrar o tempo presente?

Coletivo Outro

<https://youtu.be/VtONfxKUkkl>

Sonhar é a nossa memória.

Como preservar a memória?

Como sonhar?

Como fazer sonhos?

Memórias?

Sonho.



Eu estou confuso com um sonho que tive que envolve o futuro da humanidade. Está chegando o seu fim, me contaram. Falaram também que agora só podemos adiar esse final coletivo da nossa tragédia.

Como iremos contá-la?

Ou pior, o que contarão nossos filhos e os filhos dos seus?

Será que irão dizer que fracassamos, que não fomos capazes?

O que será contado?

Quem dirá?

Fico com medo só de pensar. Estamos adiando o fim para poder contar mais histórias de como ainda não fracassamos e como conseguimos adiar o final já colocado aqui.

Irão falar que avisaram mas mesmo assim fracassamos ou conseguimos?

Não há como saber.

Temos que seguir nosso adiar, nosso caminhar.

Já não sei se saberão o que significa coletivo.

Será que existirá essa palavra ainda?

Hoje ainda existe?

Busco.

Não há respostas.

Há desejo e escrevo como uma ação de lembrança, de gravar aqui nesta escrita, pensamentos para o futuro, para serem lembrados, lidos, achados, transformados. Ler e reler nunca será ruim, outro momento virá e passará. Será o que sair daqui, desse lugar desconhecido que está abrindo portas ou mares, para o desconhecido, mas com uma esperança.

Será? Me fica a dúvida.

Tento recordar sempre o sentido de estar aqui ainda, desenhando.

Abraço as palavras a cada dia como memórias a serem lembradas, experiências perdidas, ações mortas e jeitos de habitar os mundos apagados.

Tento não parar.

Quero escrever sobre os sonhos

mas já não sei se sei sonhar.

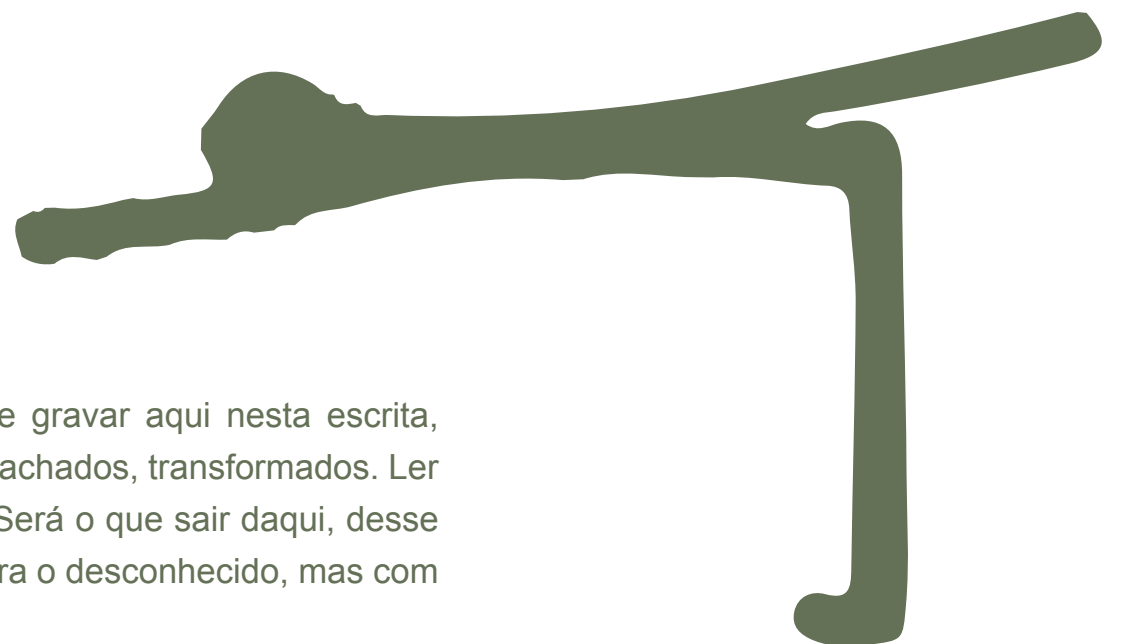
De que são feitos os sonhos

se não de memórias?

Por onde caminham as memórias

na trilha do esquecimento?

Busco-as todos os dias.





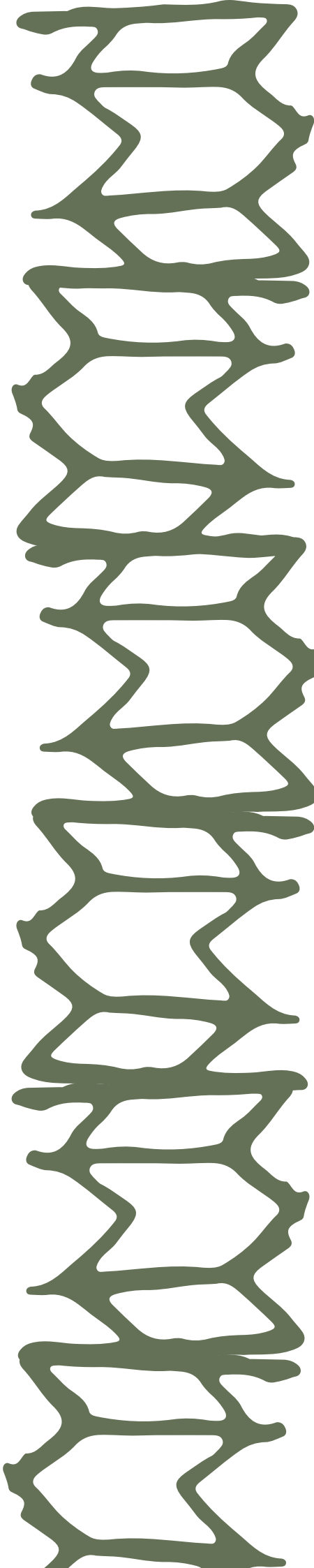
SUSPENDER
A AÇÃO

A queda do céu está próxima.

Já nos disseram, mas ainda insistimos em vê-lo despencar. Talvez a única forma de adiar esse movimento seja saltar. Saltar, saltar e saltar até os dedos tocarem imenso azul e conseguirmos nos sustentar nele. Pernas no ar, mãos no céu, cabeça nas nuvens e nas costas um paraquedas. Quando aberto, ele mostrará todas as suas belas cores e você poderá ver, também, o quão belas são as cores do céu de outono, das árvores desnudas, dos animais se preparando para o inverno, das águas correndo e lá no final, quando quase tocar o chão, verá no horizonte de seus olhos uma luz. Então acordará, pegará seu paraquedas e saltará.



**SALTO DE
SUSTENTAR
A AÇÃO**



topografia do corpo em confluência
trabalho colagem caminho
tentar carregar em conjunto
tempo constante que carrego
trilha contínua em construção
trabalhar corpo em comunidade
trajetória de colagem em construção
topografia comunhão constância
traçar a comunhão na composição
trilha na colagem em confluência

CONCLUIR A AÇÃO

São tantas as histórias que a rua pode contar.

Me conte uma?

Ficamos muito curiosos em ouvir mais.

Ser um. Ser dois. Ser muitos.

Habitar mundos.

Ser agenciador. Agenciar os meios, olhar o todo, ouvir as conexões, tocar os pontos, cheirar as linhas, comer o rizoma.

Comer cru, comer com Terra.

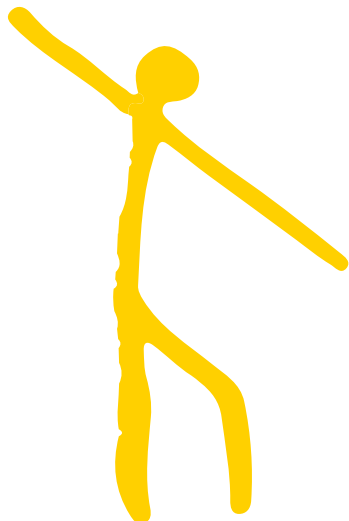
Agenciamento é mover, olhar, sentir, saborear, refletir, viver, aprender, rememorar, agir, acordar e responsabilizar.

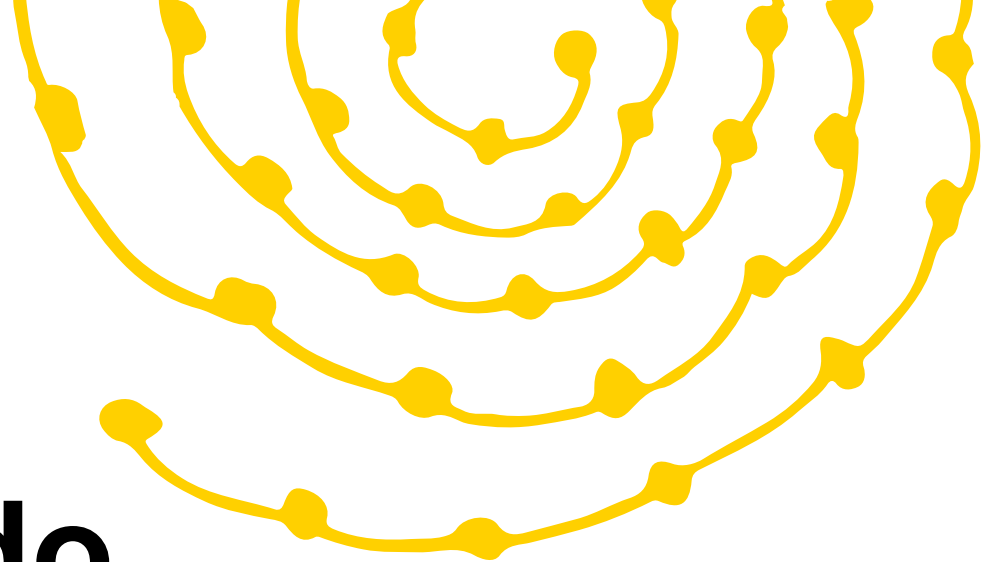
É a transmutação em movimento experimental.

É um enunciado entre mundos.

Ele é a dança cósmica que nos conecta.

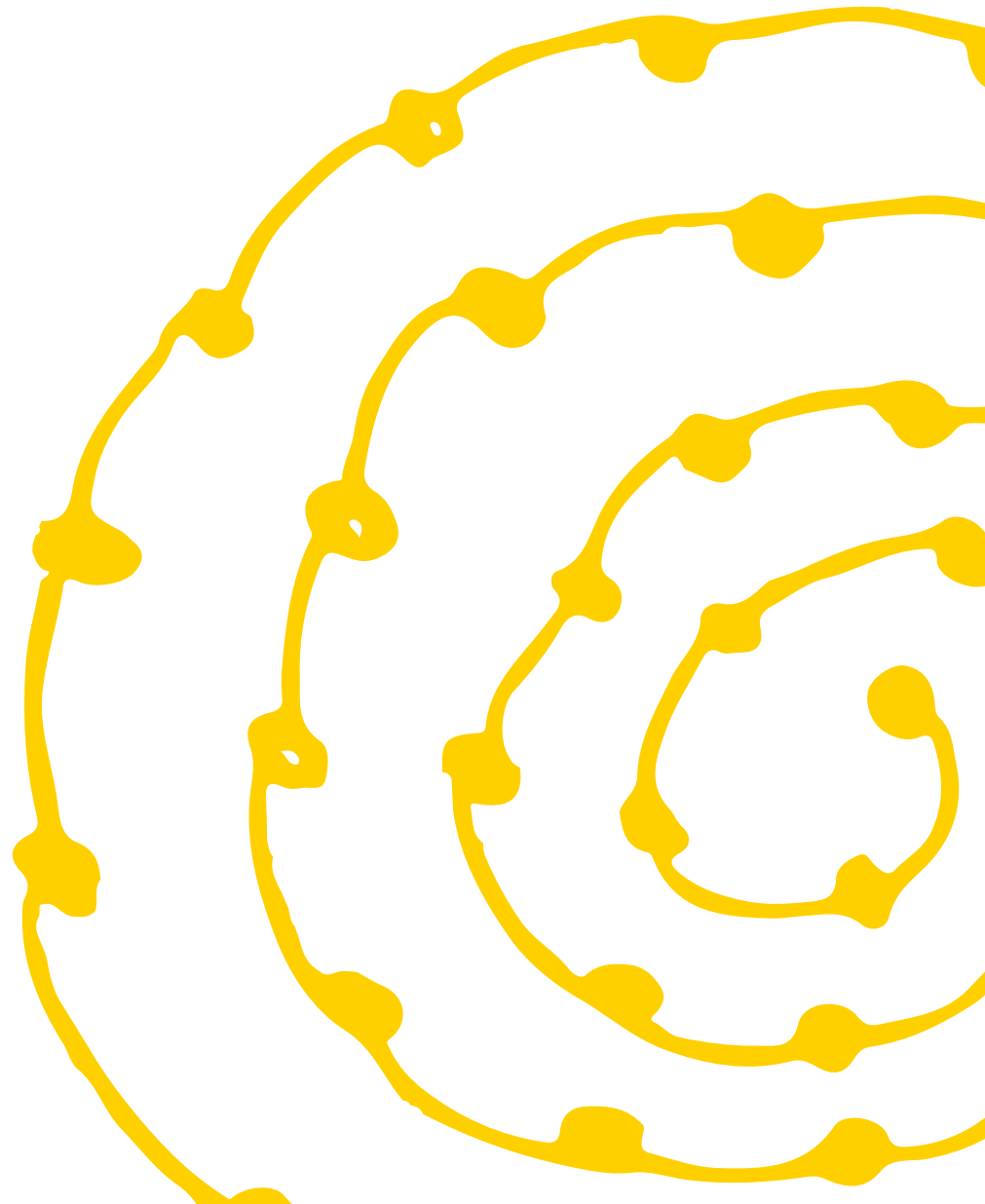
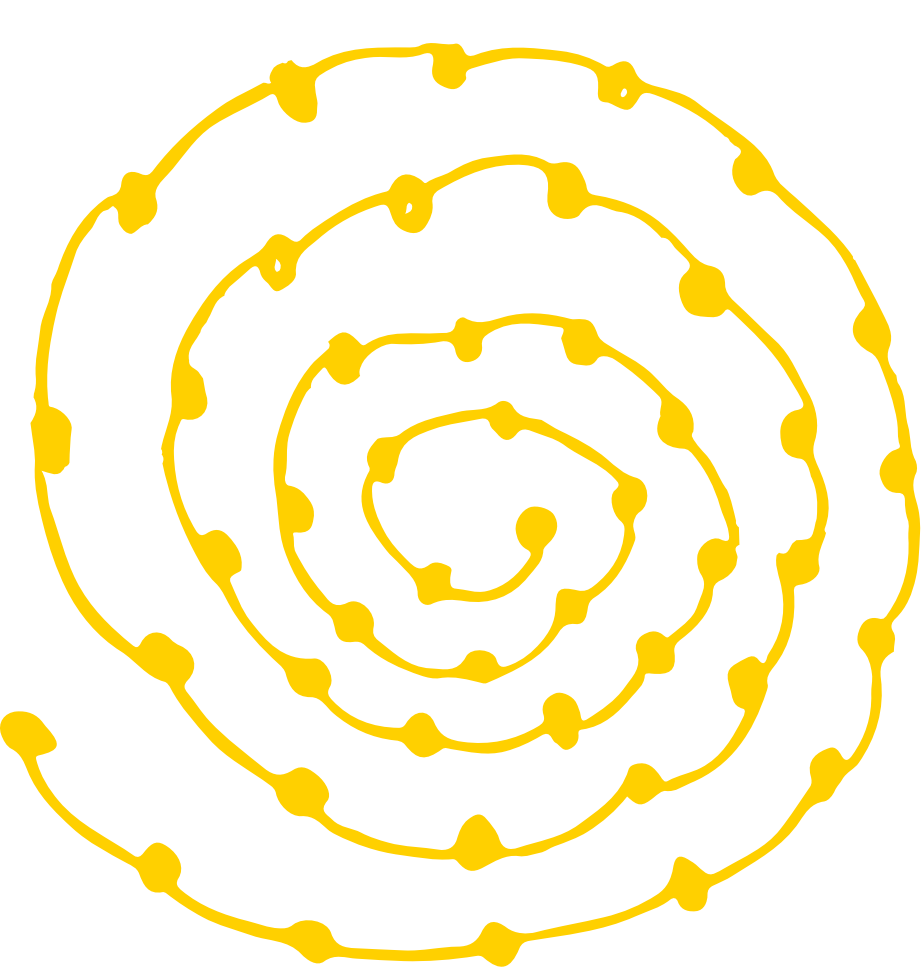
Dançamos.

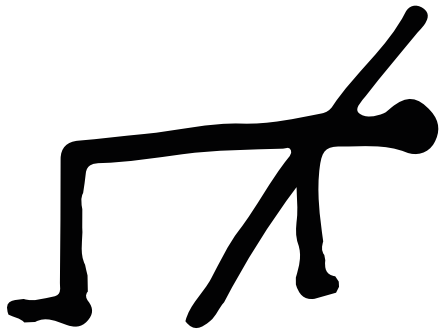




**“Sem medo
de criar experiências.”**

- Ailton Krenak





BIBLIOGRAFIA

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Editora Max Limonad Ltda., 1984.

BENJAMIN, Walter et al. **O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov**. _____. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, p. 63-81, 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs. v. 1**. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, vol. 3**. São Paulo: Editora, v. 34, 1997.

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: O corpo-em-experiência**. Ilinx-Revista do LUME, v. 1, n. 4, 2013.

FABIÃO, Eleonora. **Corpo cênico, estado cênico**. Revista Contrapontos, v. 10, n. 3, p. 321-326, 2010.

FABIÃO, Eleonora; HEATHFIELD, Adrian; LEPECKI, André. **Ações**. Tamanduá Arte, 2015.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. L&PM. 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Arte & cognição: corpomídia, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015.

LAGROU, Els. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas**. PROA Revista de Antropologia e Arte, n. 2, 2010.

